



**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 40, (Jan/Dez) de 2024
ISSN: 2178-7476



**A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DO CABELO CRESPO NAS OBRAS INFANTIS *O CABELO DE LELÊ*
DE VALÉRIA BELÉM E *COM QUAL PENTEADO EU VOU?* DE KIUSAM DE OLIVEIRA**

THE POSITIVE REPRESENTATION OF CURLY HAIR IN THE CHILDREN'S BOOKS *O CABELO DE LELÊ* BY VALÉRIA BELÉM AND *COM QUAL PENTEADO EU VOU?* BY KIUSAM DE OLIVEIRA

Flávio Penteado de Souza

Doutorando em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1614-4407>
E-mail: flavio.penteado@unemat.br

Cassiani Lemos da Silva

Mestranda em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8538-9651>
E-mail: clemosdasilva05@gmail.com

Joice Ribeiro da Silva

Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6489-4697>
E-mail: joice.ribeiro@unemat.br

Katia Gisele de Oliveira Lângaro

Mestranda em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1992-6949>
E-mail: katia.langaro@unemat.br

Resumo

Este artigo apresenta uma análise das obras *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém (2007) e *Com qual penteado eu vou?* (2021) de Kiusam de Oliveira, a partir da perspectiva da representatividade e representações positivas para/do cabelo crespo de crianças pretas em contextos da vida cotidiana. Valendo-se da abordagem qualitativa, este estudo propõe uma análise comparativa de obras infantis antirracistas (Carvalho, 2006). A partir das análises, caracterizamos as duas obras como literaturas antirracistas, pois propõem uma visão positiva sobre o cabelo crespo, desconstruindo padrões racistas ao narrar experiências vivenciadas por crianças pretas. Ao ler ou ouvir as obras, as crianças pretas irão aprender que suas características fenotípicas são heranças ancestrais africanas, conduzindo-as para uma valorização da sua pertença étnica.

Palavras-Chave: Literatura Antirracista, Cabelo Crespo, Representação Positiva, Crianças Pretas.

Resumo

This article presents an analysis of the works *O cabelo de Lelê* by Valéria Belém (2007) and *Com qual penteado eu vou?* (2021) by Kiusam de Oliveira, from the perspective of representativeness and positive representations for/of black children's curly hair in contexts of everyday life. Using a qualitative approach, this study proposes a comparative analysis of anti-racist children's works (Carvalho, 2006). Based on the analysis, we characterize the two works as anti-racist literature, as they propose a positive view of curly hair, deconstructing racist patterns by narrating experiences lived by black children. By reading or listening to the works, black children will learn that their phenotypical characteristics are African ancestral heritage, leading them to value their ethnic belonging.

Keywords: Anti-racist literature, curly hair, positive representation, black children.

INTRODUÇÃO

A literatura antirracista é uma perspectiva literária que se vale da representatividade e valorização de personagens pretos(as), dos etnosaberes e da herança ancestral em suas obras, sendo elas produzidas ou não por pessoas pretas, mas que acima de tudo, assumem o papel de combate efetivo ao racismo e preconceito, como pode ser observado no artigo *A potencialidade da literatura como prática pedagógica antirracista* de Pereira (2002).

Não basta apenas “incluir” personagens pretos(as) em obras literárias para ser caracterizadas como uma produção antirracista, pois, em alguns casos, observa-se que existem textos que reforçam padrões racistas e preconceituosos em sua escrita e imagética, pois a construção far-se-á em torno de estereótipos de subalternidade em relação a representação sobre o corpo preto. Um exemplo, é a obra de literatura para crianças, *Abecê da Liberdade: a história de Luís Gama, menino que quebrou correntes com palavra*, que foi escrita por Torero e Pimenta (2015).¹

A obra representa uma visão romantizada da diáspora africana, marcada pela animalização dos corpos, derramamento sangue e mortes dos povos escravizados que atravessaram o Atlântico em condições precárias no período neste período para chegar até o Brasil. Em dado trecho, a obra mostra crianças brincando, cantando e traz a seguinte fala:

A viagem pelo mar foi tranquila. Não houve nenhuma tempestade, e o navio quase não balançou. Eu, a Getulinha e as outras crianças estávamos tristes no começo, mas depois fomos conversando, daí passamos a brincar de pega-pega, esconde-esconde, escravos de Jó (o que é bem engraçado, porque nós éramos escravos de verdade), e até pulamos corda, ou melhor, corrente (Torero; Pimenta, 2015, p. 27).

Esse trecho ressalta a tentativa de minimização e apagamento da história racista colonial do Brasil. A narrativa trata de uma realidade inexistente e atribui a símbolos de opressão como as correntes um significado lúdico de brincadeira, uma tentativa de apresentar uma infância e preservação das crianças em um cenário desumano. Conforme Gutiérrez (1989), em seu artigo *O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII*, as crianças nos navios negreiros

¹ No link a seguir a obra pode ser acessada para conferir seu material na íntegra: <https://pt.scribd.com/document/648828390/Abecê-Da-Liberdade-by-Jose-Roberto-Torero-Z-lib-org>

sofriam como os adultos, comiam muito mal e em muitos casos morriam por desnutrição ou por doenças contraídas nos porões dos navios negreiros. Não havia espaço para brincadeiras, pois estavam sendo traficadas e comercializadas como produtos.

Posto isso, é imprescindível que sejam feitas análises das obras que são oferecidas às crianças, haja vista que, nem todas são adequadas e podem ser caracterizadas como antirracistas, ao contrário disso, são obras racistas. As literaturas antirracistas de fato contribuem para a formação social das crianças pretas, apresentando um cenário de “marcas identitárias e valorização da herança e ancestralidade” africana e afro-brasileira, conforme afirmam Costa, Pereira e Dias (2022, p. 134) no artigo *Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância*.

Como forma de trilhar caminhos por uma educação literária antirracista, este artigo apresenta uma análise das obras *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém (2007) e *Com qual penteado eu vou?* de Kiusam de Oliveira (2021), tendo como aporte metodológico os estudos da literatura comparada de Carvalho (2006). Nos dedicamos neste momento, em apresentar uma análise comparativa das obras, mostrando de que forma as autoras representam a beleza e a diversidade dos cabelos crespos em suas narrativas a partir de dois principais eixos de análise: a) como o cabelo crespo é representado e b) relações que são construídas a partir da simbologia do cabelo nas histórias.

Para compor o corpo teórico e os diálogos das análises, utilizaremos de base os estudos e pesquisas de Costa, Pereira e Dias (2022), Gomes (2002; 2006), Lima (2020), Munanga (2004), Silva (2005), Torero e Pimenta (2015), entre outros autores que têm como aporte os estudos sobre raça, identidades, representatividade e representações do negro.

A proposta de realizar este estudo, surge a partir das vivências dos(as) professores(as) autores(as), sendo estes(as), pessoas pretas que atuam na educação e vivenciam de perto a realidade de um sistema educacional que reproduz e produz cotidianamente o racismo e o preconceito, e que apostam na literatura como fonte potente de combate antirracista no ensino-aprendizagem das crianças dentro e fora do contexto educacional. Como justificativa teórica social, o estudo contribui para o fortalecimento das práticas pedagógicas de ensino antirracistas de professores que buscam indicações de obras que possam ser efetivamente implementadas na educação básica.

Para compreender a estrutura organizacional, este artigo é dividido em três seções principais, na primeira seção apresentamos as autoras brasileiras e suas obras infantis que compõem este estudo. Na segunda seção, é tecido um diálogo sobre as representações do cabelo crespo e dos personagens nas obras, alinhado a estudos teóricos e empíricos que versam sobre conceitos de cabelo crespo, representatividade positiva e antirracismo, entre outros. E por fim, são tratadas as considerações finais, que discutem as contribuições das obras e seus desdobramentos frente à educação literária antirracista.

CONTEXTUALIZANDO AS OBRAS

Nesta seção, apresentamos e discutimos as obras que constituem a base fundamental deste estudo, com foco na compreensão dos símbolos atribuídos ao cabelo nas literaturas afro-brasileiras. As produções apresentadas são ricas em simbolismos e significados étnico-culturais, permitem abordar questões relacionadas à identidade, resiliência, resistência e pertencimento, temas centrais para a valorização da cultura africana e afro-brasileira. Em complemento a essa análise, traçamos o perfil biográfico das autoras Valéria Belém e Kiusam de Oliveira, destacando suas trajetórias, contribuições para a literatura e o papel significativo de suas obras para o fortalecimento da identidade negra por meio das representações no campo da literatura. Por meio desse enfoque, buscamos compreender não apenas as narrativas apresentadas, mas também os contextos históricos, sociais e culturais existentes nas obras.

O Cabelo de Lelê de Valéria Belém

Valéria Barros Belém Dias, mais conhecida pelo seu pseudônimo Valéria Belém, nasceu no Rio de Janeiro, é uma mulher branca, filha de mãe cearense e pai tocantinense. Possui formação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás e é Mestra em Jornalismo, Gestão de Empresas de Comunicação pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra e Instituto Internacional de Ciências Sociais de São Paulo. Além disso, também possui graduação em Psicanálise pelo Instituto da Psicanálise Lacaniana (IPLA), de São Paulo.

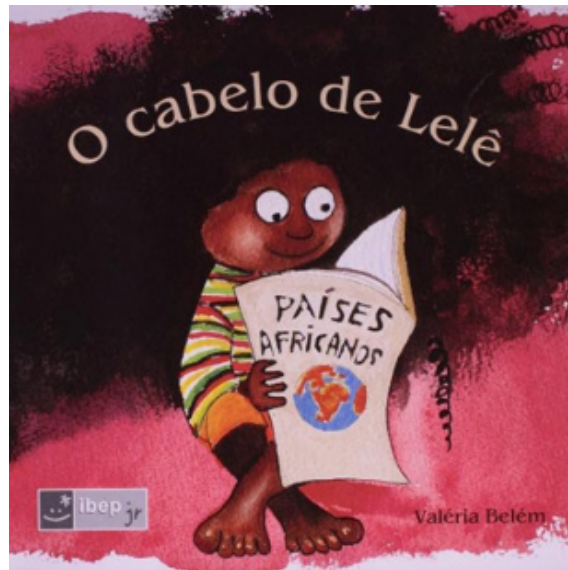
Durante sua carreira profissional, já atuou na Editora do jornal “O Popular” dos anos de 1986 a 2015, também foi Coordenadora do projeto de “Educomunicação” do Almanaque-Escola, além de ter sido Professora no curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC) e da Faculdade Cambury de Goiás. Em relação à sua trajetória na escrita, Lima (2020, p. 31) destaca que:

No início de sua carreira, Valéria se dedicou mais ao jornalismo, deixando de lado a escrita, ao ingressar em sua carreira de jornalista que era atuante no suplemento infantil do jornal, a mesma começou a participar de pautas e assuntos que envolvia as crianças, o que contribuiu para seus interesses em escrever livros para o mundo infantil em sua forma de ver o mundo.

Valéria Belém é autora consagrada e premiada, já publicou mais de 30 livros para o público infantil e infanto-juvenil, dos quais se destacam: *O Cabelo de Lelê* (2007), *Quem é linda?* (2007), *O espelho de Lelê* (2013) e *O sorriso de Lelê* (2019).

Sua obra mais conhecida é *O cabelo de Lelê*, lançada em 2007 pela editora IBEP, e conta com as ilustrações de Adriana Mendonça, conforme pode ser observado na capa da obra abaixo:

Imagem 01 – Capa da obra “*O cabelo de Lelê*”



Fonte: Belém (2007).

A trama narra a história de uma menina preta que, inicialmente, não gosta de seu cabelo, refletindo os impactos das pressões e dos padrões estéticos sociais. Ao longo da história narrada, a protagonista embarca em uma jornada de autodescoberta e aceitação da sua identidade, onde gradualmente passa a reconhecer-se. Esse processo de aceitação identitária não apenas fortalece a sua autoestima, mas também a conecta com suas raízes e a história ancestral. Valéria Belém nesta obra:

[...] conta com muito encanto, cor, orgulho, afirmação racial e realidade o drama de uma criança negra em busca de respostas sobre suas origens e como aconteceu o processo de aceitação do seu cabelo que julgava “estranho” e diferente dos demais (Lima Luiz, 2022, p.82).

Lelê, a personagem principal, é uma menina que, como tantas outras meninas pretas, sofre com os padrões impostos pela sociedade racista, que estabelece um padrão de cabelo bonito e cabelo feio. Somente ao ter contato com um “livro sabido” dos países africanos, Lelê passa a amar seu cabelo e a perceber que ele representa uma cultura ancestral preta (Belém, 2007). A obra, ao abordar de maneira sensível e poética essa transformação, destaca a importância da representatividade e das representações, trazendo reflexões profundas sobre a identidade, diversidade, identidade e a superação dos estigmas associados ao cabelo e as construções sociais racistas.

***Com qual penteado eu vou?* de Kiusam de Oliveira**

Kiusam Regina de Oliveira, nasceu em São Paulo no ano de 1965, ela é uma mulher preta de ascendência africana, utiliza o pseudônimo Kiusam de Oliveria, é graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), é Mestra em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

É escritora, bailarina, contadora de histórias e coreógrafa. Kiusam de Oliveria, atuou por mais de 38 anos como docente na educação básica e no ensino superior, aposentando-se no ano de 2019. Atua com formação para profissionais da educação em todos os níveis com a temática principal da educação antirracista e a implementação da Lei 10.639/03.

Publicou diversos livros para o público infantil, infanto-juvenil e adultos (produções acadêmico-científicas), dentre eles se destacam as seguintes obras: *Omo-oba: Histórias de Princesas* (2009), *O mundo no black power de Tayó* (2013), *Menina Pretinha e Menino Pretinho* (2021), entre outras. Kiusam escreve o que observa no seu cotidiano, principalmente o que via em sala de aula com seus alunos, representando narrativas reais de crianças e jovens pretos.

Em 2021, pela editora Melhoramentos, Kiusam publica a obra *Com qual penteado eu vou?* A obra retrata os preparativos de Aisha e sua família para a festa de cem anos do seu Benedito, seu bisavô. Abaixo (imagem 2), podemos ver a capa da obra, que retrata Aisha pensativa:

Imagem 2 – Capa da obra “Com qual penteado eu vou?”



Fonte: Oliveira (2021).

A história é narrada por Aisha, uma menina preta de família de ascendência africana, na obra, a menina e seus primos e primas estão se preparando para a festa, e com isso, pretendem, cada um, escolher um penteado belo, que os represente (Oliveira, 2021). Na festa, cada bisneto e bisneta dá de presente virtudes para seu Benedito, sendo respectivamente: Minifa (generosidade e proteção), Olujimi (foco), Amara (dedicação), Kwame (sensibilidade e generosidade), Ayana (determinação), Adofo (amorosidade, empatia, diplomacia e lealdade), Zuri (criatividade), Jafari (flexibilidade), Chaniya (empolgação), Olamilekan (espontaneidade e sinceridade), Abidemi (elegância, lealdade e perseverança), Aisha (paciência).

Quando seus primos e primas chegam para a festa, Aisha se junta a eles e estes vão de mãos

dadas encontrar seu avô para lhe ofertar os melhores presentes possíveis, as suas virtudes. Ao ver a cena, seu Bendito cai em lágrimas com tamanha felicidade (Oliveira, 2021). O gesto profundamente significativo, enche o ambiente de emoção e celebra a conexão ancestral, destacando o respeito às figuras mais velhas da família.

ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRAS

Nesta seção é discutida a abordagem metodológica adotada para a análise das obras, a análise comparativa à luz da ótica da literatura comparada de Carvalho (2006). Em sequência são apresentados os pontos de análise das obras, onde são estabelecidas comparações entre as produções de Valéria Belém (2007) e Kiusam de Oliveira (2021), destacando o que se aproxima e diverge entre os discursos produzidos por meio das ilustrações e da narrativa textual.

Contextualizando o método de análise

A análise comparativa na ótica de Carvalho (2006), envolve um processo minucioso de análise dos principais aspectos das obras e contextualizá-los em comparação a um outro texto, podendo ser uma obra literária, cinematográfica, científica, entre outras.

Para isso, são selecionadas as obras e em sequência definidos os eixos de análise, que para este momento as obras analisadas são produções literárias para o público infantil e infanto-juvenil, obras definidas como antirracistas com base na concepção de Costa, Pereira e Dias (2022). As obras selecionadas são *O cabelo de Lelé* escrito por Valéria Belém (2007) e *Com qual penteado eu vou?* escrito por Kiusam de Oliveira (2021).

As narrativas foram escolhidas a partir do interesse dos pesquisadores em analisar produções literárias infantis que versem sobre a temática central do cabelo crespo. Para isso, foram analisadas diversas obras e chegou-se à conclusão de que as duas produções narram vivências pretas tendo o cabelo como enredo central.

A análise comparativa aqui determinada, busca explorar as percepções críticas por meio das ilustrações das obras e a narrativa textual produzida pelas autoras, tendo como base norteadora os eixos de análise: a) como o cabelo crespo é representado e b) relações que são construídas a partir da simbologia do cabelo nas histórias.

Não serão utilizados os materiais literários em sua íntegra, sendo esgotadas as percepções. Para compor as análises, serão selecionados trechos das obras, algumas ilustrações e excertos do texto, que serão identificados com o número das páginas e referência as autoras, conforme é discutido nas duas próximas seções.

Como o cabelo crespo é representado

Na obra *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém (2007), a personagem principal “Lelê” é representada como uma menina muito curiosa, uma menina preta que vivencia momentos de luta em relação a seu cabelo crespo. O enredo gira em torno de suas vivências, que são representadas de forma individual, foco central em Lelê sem estabelecer diálogos diretos com outras personagens.

Por meio das ilustrações de Adriana Mendonça e a escrita de Valéria Belém, Lelê é representada como uma menina preta com roupas coloridas e um tênis roxo, seu cabelo é um *black power* extremamente volumoso e cacheado, como mostrado abaixo na imagem 3:

Imagem 3 – Lelê



Fonte: Belém (2007, p.6).

Na obra *Com qual penteado eu vou?* de Kiusam de Oliveira (2021), “Aisha” a personagem principal é uma menina preta que vive em um berço familiar preto, de ascendência africana. A história é narrada pela mesma, mas tem intervenções de outros personagens como sua mãe, sua bisavó, seus primos e primas. Aisha é o elo central de todo o enredo, contudo é aberto espaço para as vozes de outros personagens que ajudam na composição de sentidos da narrativa.

A partir do texto de Kiusam de Oliveira e as ilustrações de Rodrigo Andrade, Aisha é representada com roupas em tons de azul, o que muda ao final da história quando se arruma para a festa de seu bisavô, ao usar um colar colorido no pescoço para compor sua vestimenta. Seu cabelo

é preto e cacheado, no decorrer da história aparece com um turbante étnico na cabeça, como é mostrado na imagem 4:

Imagem 4 – Aisha



Fonte: Oliveira (2021, p.39).

Nas duas obras podemos observar que as personagens protagonistas são meninas pretas, que são representadas com traços fenotípicos pretos, como o cabelo, a cor da pele, entre outros. Ao representar personagens pretas em suas obras, Valéria Belém (2007) e Kiusam de Oliveira (2021) potencializam o fato de que meninas pretas também podem ter suas histórias contadas, que nem sempre são vistas nas produções literárias contemporâneas.

De acordo com Garcez (2024), as obras literárias, por vezes, não incluem as representações pretas, o que as afasta da identificação com as figuras representadas nas literaturas, geralmente marcadas por corpos brancos de traços europeus. Por outro lado, em alguns contextos encontramos representações estereotipadas, com imagens que reforçam o preconceito e o racismo. Desta forma, não representando a pessoa preta em sua identidade real, trazendo uma imagem negativa sobre seus traços, o que deixa “as gerações de crianças afro-brasileiras carentes de uma literatura que lhes representassem positivamente” (Farias, 2018, p. 23).

Na parte inicial da obra, o cabelo de Lelê é visto como algo ruim por ela, a menina sofre ao não saber lidar com o mesmo, sendo interpelada pelos padrões de beleza da sociedade, como visualizado no seguinte trecho: “joga pra lá, puxa pra cá. Jeito não dá, jeito não tem” (Belém, 2007, p.7). A menina interioriza a imagem negativa de si, pois não gosta de seu cabelo: “Lelê não gosta do que vê” (Belém, 2007, p.5).

Assim como Lelê, muitas crianças pretas negam seu cabelo crespo, pois este é estigmatizado

na sociedade, por mais que existam alguns avanços na valorização conquistados pelo movimento negro, ainda assim perduram as práticas preconceituosas e discriminadoras frente a identidade preta. O cabelo crespo é um dos marcadores identitários que continuam sendo vistos como sujos e/ou ruins, pois “os estereótipos característicos de nossa própria cultura” foram tomados como “condutores para a propagação do preconceito” pela branquitude desde o período colonial (Cavalleiro, 2012, p. 24).

Se olharmos as obras infantis contemporâneas, ainda há uma invisibilidade de representações sobre o cabelo crespo, o que as vezes é mostrado de forma estereotipada. Alguns textos reforçam cabelos lisos e sem volume como belos, o que aguça o desejo de mudança de seu cabelo crespo por meninas pretas. E isso pode ser visto, para além das representações em livros para o público infantil e infanto-juvenil, pois está presente também nas representações comumente publicizadas em propagandas, programas de televisão e mídias sociais.

Por vezes, principalmente meninas pretas buscam processos estéticos para mudar seu cabelo, para se encaixar no padrão de beleza pelos qual são interpeladas cotidianamente. O que gera a destruição do cabelo e, em alguns casos, doenças como o câncer, que pode ser provocado pelo efeito de tratamentos intensivos com químicas de alisamento (Gomes, 2002).

Essa estigmatização do cabelo crespo enquanto sujo ou ruim é uma construção social que vem desde o período colonial, pois os corpos pretos e suas características eram demonizadas e o branco representado como belo, como ressalta Gomes (2017, p. 110) “no contexto do racismo há uma rápida associação entre beleza e branquitude, fealdade e negritude. A beleza dos corpos passa a ser regulada por padrões estéticos eurocentrados, construídos no contexto do racismo”.

O racismo assume múltiplas roupagens e atua na inferiorização e subalternização dos corpos pretos e suas características na sociedade, como expresso por Munanga (2004, p. 7):

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Em contraposição a isso, na obra *Com qual penteado eu vou?* de Kiusam de Oliveira (2021), em todo o enredo a protagonista Aisha e sua família amam seus cabelos e os veem como parte integrante de sua identidade e cultura. Em um trecho sua mãe a ajuda penteando seus cabelos para fazer um penteado com o turbante e a menina afirma: “que penteado lindo mamãe fez!” (Oliveira, 2021, p.14).

Imagem 5 – Pentear os cabelos



Fonte: Oliveira (2021, p.13).

A família é um dos principais alicerces para acolhimento da pessoa preta, pois ela é fundamental para a valorização da pertença étnica, partilhando as mesmas características. Na obra de Kiusam de Oliveira (2021), Aisha tem um berço familiar que a incentiva e a todo momento reforça uma ideologia positiva sobre sua identidade. Contudo, percebe-se que isso nem sempre é representado nas obras, como pontua Castilho (2004, p. 109):

A literatura infantil que os alunos leem nas escolas com maior frequência raramente mostra famílias negras felizes e bem-sucedidas, personagens negras bem vestidas; raramente há príncipes, reis, rainhas de cor negra, assim como também não é comum ver um negro na capa de um livro, ou sendo o personagem principal.

Por isso, faz-se relevante ler obras como a de Kiusam de Oliveira (2021), que narram percepções de uma família preta que tem muito a ensinar sobre a cultura preta e a beleza de seus cabelos. Contudo, é notório que ocorrem casos em que a família opera na reprodução dos padrões racistas, seja como uma forma de proteção ou de negação de seus traços.

Silva (2005, p.28) aponta que “os cabelos crespos das crianças afrodescendentes são identificados como cabelo “ruim”, primeiro pelas mães, que internalizaram o estereótipo; e, na escola, pelos coleguinhas, com os mais variados apelidos nas trancinhas e nos cabelos crespos ao natural”. O que permite observar o quanto isso é enraizado, ao ponto do próprio preto nega sua identidade e isso ocorre em diversos ambientes, não somente em casa e na escola.

No que se refere aos livros infantis, é essencial que estes tenham uma postura antirracista, que não reproduza e/ou produza falas e discursos racializados. Uma obra literária antirracista

desconstrói preconceitos e coloca os personagens pretos em lugar de destaque, para que tenham vez e voz para narrar suas histórias, o que “fortalece a identidade, a ancestralidade e o reconhecimento dos processos de resistência desses povos” (Bayó; Sousa, 2021, p.9).

Relações que são construídas a partir da simbologia do cabelo nas histórias

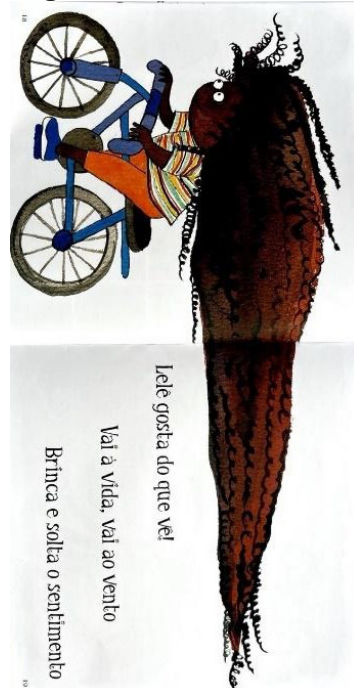
O cabelo não é somente um marco da identidade preta ou uma característica de um grupo étnico, mas também carrega um valor simbólico ancestral, por advém de nossa ascendência e cultura. A forma, a curvatura, a textura e os tons, são desta forma não por um acaso, mas por um fator muito além da genética, um fator histórico e social, e isso que iremos dialogar nesta seção.

Na obra de Valéria Belém, Lelê passa a gostar de seu cabelo, de sua textura e seu movimento, quando encontra um dito “livro sabido”, como é narrado no trecho a seguir:

Fuça aqui, fuça ali. Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido! que tudo aquilo pode explicar. Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos. De guerras e vidas e mortes no enredo. Também de amor no enrolado cabelo. Puxado, armado, crescido enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! (Belém, 2007, p.13-14).

O livro que Lelê se depara, intitula-se *Países Africanos* e este contém uma rica infinidade de representações de culturas e povos, onde o cabelo não é percebido por uma ótica negativa, mas sim por uma perspectiva de beleza e herança ancestral. A menina se alegra, e essa alegria toma conta de todo seu corpo e a mesma passa a gostar de seu cabelo como ele é, o que pode ser visualizado na imagem abaixo:

Imagem 6 – Cabelos ao vento



Fonte: Belém (2007, p.18-19).

O texto permite que as crianças pretas compreendam e conheçam a sua história, para que saibam que os afro-brasileiros e/ou afrodescendentes tem uma história que começou na África, uma história que perpassa por gerações, o que atribui sentido a ancestralidade (Corrêa; Santos, 2020).

O cabelo na obra de Valéria Belém (2007), representa uma conexão profunda com a identidade e a ancestralidade africana da protagonista como uma expressão de sua cultura e de suas raízes. Ao entender que seus fios são como os de reis e rainhas africanos(as), passa a valorizar suas características e a sentir orgulho de sua identidade.

No livro, Lelê vê diversos tipos de penteados de culturas e países africanos diferentes. Isso ressalta que seu cabelo antes tido como “sem jeito” pela menina, pode ser embelezado de várias formas, como podemos ver na imagem a seguir:




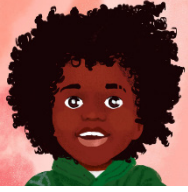
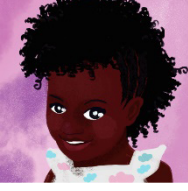
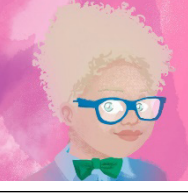
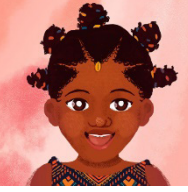

Imagem 7 – Penteados africanos

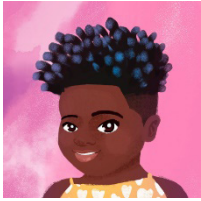
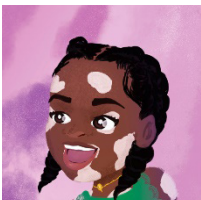
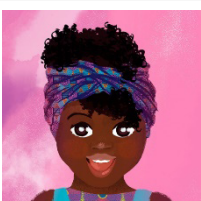


Fonte: Belém (2007, p.16-17).

Na obra *Com qual penteado eu vou?* (2021), também são representados estilos de penteados diferentes, penteados de regiões distintas do continente africano. Na narrativa, cada bisneto de seu Benedito preparou um penteado diferente para comemorar o aniversário deste bisavô centenário. Aisha como mostrado na imagem 4, fez um lindo penteado com turbante em seu cabelo com ajuda de sua mãe, o que a deixa ansiosa e curiosa para saber quais penteados que cada um de seus primos e primas fizeram. No quadro abaixo podem ser vistos os penteados de cada bisneto e bisneta de seu Benedito:

Quadro 8 – Os nomes e penteados dos bisnetos de seu Benedito

Imagem	Nome/Significado/Origem	Páginas da Obra
	<p>MONIFA Significa “Eu tenho sorte” em Iorubá. Origem: Nigéria</p>	<p>p.16-17</p>
	<p>OLUJIMI Significa “Dado por Deus” em Iorubá. Origem: Nigéria</p>	<p>p.18-19</p>
	<p>AMARA Significa “Misericórdia” em Igbo. Origem: Nigéria</p>	<p>p.20-21</p>
	<p>KWAME Significa “Nascido no Saábado” em Akan. Origem: Gana</p>	<p>p.22-23</p>
	<p>AYANA Significa “Linda Flor” em Amárica. Origem: Etiópia</p>	<p>p.24-25</p>
	<p>ADOFO Significa “Quem Ama” em Akan. Origem: Gana</p>	<p>p.26-27</p>
	<p>ZURI Significa “Linda, Bonita” em Suaíli. Origem: África Oriental</p>	<p>p.28-29</p>
	<p>JAFARI Significa “Digno” em Suaíli. Origem: África Oriental</p>	<p>p.30-31</p>

	<p>CHANIYA Significa “Menina Rica” em Suaíli. Origem: África Oriental</p>	p.32-33
	<p>OLAMILEKAN Significa “A Minha Riqueza” em Iorubá. Origem: Nigéria</p>	p.34-35
	<p>ABIDEMI Significa “Nascida na Ausência do Pai” em Iorubá. Origem: Nigéria</p>	p.36-37
	<p>AISHA Significa “Ela é Vida” em Suaíli. Origem: África Oriental</p>	p.38-39

Fonte: Quadro produzido a partir da obra de Oliveira (2021).

Conforme observado no quadro acima, cada primo e prima de Aisha tem um nome africano com significado em uma língua e/ou dialeto de um país e/ou região específica do continente africano e cada penteado expressa a personalidade e identidade de cada uma das crianças pretas. Isso mostra que não existe uma única África, pois o continente africano é rico de etnosaberes e culturas e estas são expressas também por meio dos estilos e penteados, o que pode ser observado no estudo de Gomes (2006, p.357):

A etnografia dos penteados africanos nos mostra que o cabelo nunca foi considerado um simples atributo da natureza para os povos africanos, sobretudo os habitantes da África Ocidental. O seu significado social, estético e espiritual constitui um marco identitário que tem-se mantido forte por milhares de anos. É o testemunho de que a resistência e as forças das culturas africanas perduram até hoje entre nós através do simbolismo do cabelo.

Na história de Kiusam de Oliveira (2021), cada uma das crianças já carrega consigo saberes ancestrais que são passados em sua família por toda sua família. O que difere da obra de Valéria Belém (2007), em que Lelê toma consciência de sua beleza e pertença étnica a partir do contato com um livro sobre os países africanos, que apresentava penteados magníficos.

Enquanto Aisha e seus primos elaboram, orgulhosos, seus penteados para o aniversário (Oliveira, 2021), Lelê passa a explorar seu cabelo e a experimentar novos penteados a partir das imagens que viu no livro sabido (Belém, 2007), conforme é mostrado a seguir na imagem 8:

Imagem 8 – Os penteados de Lelê



Fonte: Belém (2007, p.20-21).

Ao analisar a imagem acima observamos que Lelê já se mostra feliz, diferente da perspectiva emocional triste do início da narrativa. Ela está com um largo sorriso em seu rosto, o que simboliza a felicidade ao trançar, enrolar, pentear e mudar para tantos estilos diferentes o seu cabelo, que agora chama de belo e acima de tudo “Lelê já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história” (Belém, 2007, p.26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções afro-brasileiras, principalmente aquelas destinadas para crianças, desempenham um papel fundamental no fortalecimento de uma construção positiva da identidade das crianças pretas. Por meio da narrativa ficcional, as obras apresentadas e analisadas, promovem um diálogo rico que representa a cultura, ancestralidade e pertença étnica. A análise das obras selecionadas revelou que ambas representam o cabelo crespo como símbolo de orgulho, identidade e resistência, destacando sua importância na afirmação/aceitação da identidade preta.

As narrativas de Kiusam de Oliveira e Valéria Belém, têm em comum, como protagonistas, meninas pretas que vivenciam processos de autodescobertas e identificações em cenas cotidianas

de uma sociedade extremamente racista, trilhando caminhos para (re)conectar-se com as suas raízes ancestrais. Essas histórias inspiram e movimentam as relações existentes, principalmente por proporcionarem no conjunto da obra, a representação positiva do negro, rompendo com grande parte das narrativas que perpetuam estereótipos racistas ao invés de combatê-los.

As narrativas, por meio da abordagem antirracista e com reflexões realistas e dinâmicas, impulsionam para uma educação antirracista que necessita acontecer nas escolas, lugar onde crianças pretas estão inseridas sem os aportes necessários para se reconhecer como a criança que é, com sua cultura, sua fisionomia, seu cabelo e seu tom de pele, e se sentir pertencente no meio social e educacional em que vive.

Por fim, é possível concluir que as obras analisadas não apenas constroem uma representação positiva, mas também contribuem para a efetiva construção de uma identidade afro-brasileira, desempenhando o papel de promover o caminho para identificação por meio das representações positivas de personagens pretos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYÓ, Elly; MIRANDA, Fernanda; SOUZA, Fernanda. **Por uma Escola Afirmativa: construindo comunidades antirracistas**. Companhia das Letras, 2021. Disponível em: < https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/PROJETO_PorUmaEducacaoAntirracista.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2024.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelé**. Ilustrações de Adriana Mendonça. São Paulo: IBEP, 2007.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. Série Princípios. 4.ed. revisada e ampliada São Paulo: Ática, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CORRÊA, Antonio Matheus do Rosário; SANTOS, Raquel Amorim dos. **O estado da arte sobre crianças negras em produções da ANPED (2007-2019)**. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN) - v. 12, n. 33, 2020. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1004>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

COSTA, Samara da Rosa; PEREIRA, Sara da Silva; DIAS, Lucimar Rosa. **Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância**. Revista da ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Curitiba – PR, 2022. Disponível em: < <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384>>. Acesso em: 02 dez. 2024.

GARCEZ, Juddy. **O corpo negro na literatura brasileira: imagens de controle vs. O poder da autodefinição**. Revista Tempo, Espaço de Linguagem. v.15, nº.01, p.11-30, 2024. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/22399/209209218668>>. Acesso em: 09 dez. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001249681>>. Acesso em: 06 dez. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUTIÉRREZ, Horacio. **O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII**. Revista de História, São Paulo, 1989.

LIMA, Erica dos Santos. **Literatura Infantil**: Uma análise do livro “Cabelo de Lelé” de Valéria Belém. Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2020. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/4579>>. Acesso em: 09 dez. 2024.

LUIZ, Lisiane Oliveira e Lima. **A obra infantil “O cabelo de lelé”, de Valéria Belém em diálogo com a Lei 10.639/03**. Pensares em revista - São Gonçalo – RJ, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/66044>>. Acesso em: 08 dez. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (org.). Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói: Editora EDUFF, 2004. Portal Geledés. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/00141300>>. Acesso em: 08 dez. 2024.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?**. Ilustração Rodrigo Andrade. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Luciana Cunha Lauriada; SILVA, Kátia Gomes da. **O negro na Literatura infanto-juvenil brasileira**. Revista Thema. Pelotas, IFSUL, v. 08, n. 02, 01-13, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/106>> . Acesso em: 10 dez. 2023.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Abecê da liberdade**: A história de Luiz Gama, menino que quebrou correntes com palavras. 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Recebido em 07 de dezembro
Aceito em 28 de dezembro
Publicado em 17 de janeiro